

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 96

SEGUNDA-FEIRA, 4 DE SETEMBRO DE 1905

E' prohibida a reproducção das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, colonias portuguezas e Hespanha

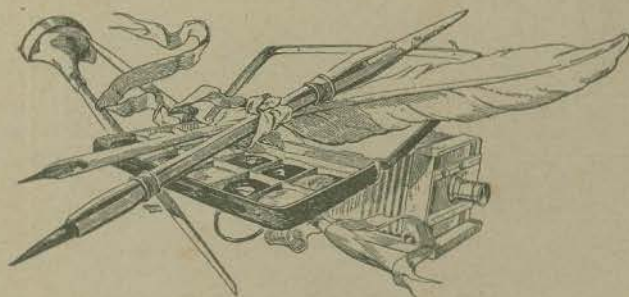
Anno.....	8\$000
Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	2\$000

Brazil

Anno.....	45\$000	moeda fraca
Semestre.....	25\$000	" "

Territorios da união postal

Anno.....	9\$000
Semestre.....	5\$000



LISBOA

Empresa do jornal "O SECULO,"

43—RUA FORMOSA—43

“Tratado do Cotillon”

Por AFFONSO DE PINHO

Fabricante, fornecedor de marcas de cotillon de Suas Magestades e Altezas, de todos os casinos e clubs de Lisboa, Praias e Estações d'Agua, etc.
Um elegante volume, contendo 114 novas marcas figuradas — Muito útil e indispensável a quem dança o cotillon.

PREÇO 300 RÉIS

A venda em todas as livrarias e na

CASA DE NOVIDADES
145, Rua do Ouro, 149



— Conserve-me
com as CONSERVAS
— Pickles de
Lopes,
Coselho
Dias
e C.
MATAMINHOS
(PORTUGAL)

FORMICIDA PROGRESSO
O MELHOR E MAIS SEGURO REMEDIO
CONTRA AS FORMIGAS
A venda em todas as boas drogarias
DEPOSITO PARA REVENDA
DRUGARIA PROGRESSO
RUA DA ESCOLA POLYTECHNICA, 109 e 113
PACOTE 60 RÉIS



PROVEM
O
**BUCCELLAS
HOCK**
SANDERMAN
PEÇAM TODA
A PARTE

Encadernações e Typo-
graphia

VEROL & C.

Procuram sempre a casa que tem
um millitar à porta

134, Rua Augusta, 136



David Fonseca & Fonseca
Successor de A. C. ENCARNACÃO & C.

Estabelecimento de balanças, pe-
zas e medidas.

Fogões, molinos, torradores e muitos outros objectos. Cofres à prova de fogo,
prontos de copiar e acessorios.



25, 27, Rua da Victoria, 29, 31

Officinas de acrobacia para construções e re-
paração. Grande sortimento de louça de ferro
enxalado, machinaria para lavar, secar, tor-
rar e capilar garrafas, ditos para pisar car-
vão e molinos churros, e pressos para extra-
cto de carne e vegetais. Funções e mais artigos para afeições

74, Rua dos Correios, 76 = Lisboa

Moveis systema inglez **Gil Dias Assumpção** **ESTOFADOR E DECORADOR**

Fornecedor da legação britanica e das principais casas
da colonia ingleza

Rua Buenos Ayres, 35

Grande fornecimento
e variedade de moveis con-
fortaveis, systema MAPLE.
Armarios para sala
e escriptorio, genero inglez.



ÉTAGERES PHANTASIA

Grande variedade.

Não se auctorisa a publicação d'este annuncio n'outro jornal.

CORTICITE (agglomerados
de cortica)
FABRICAÇÃO ESPECIAL

CHAO SEM FENDAS
HYGIENICO, IMPERMEAVEL E ECONOMICO

CHAPA E TIJOLOS MATERIAL DE
ISOLAMENTO
CONTRA O CALOR, O FRIO E O SOM

FORRO DE TUBOS E CALDEIRAS DE VAPOR
Reduzindo a condensação. Economizando combustivel

O. HEROLD & C. 14, RUA DA PRATA,
14, 1.º

PAULINO FERREIRA
ENCADERNADOR

Trabalhos simples e de luxo
126-132
RUA NOVA DA TRINDADE

O PIPERINOL

Para dar cor e brilho igual ao encerado em moveis e soalhos. Imitação pau santo, ou-
gueira, mogno e varias madeiras. Este preparado não tem agua-riz nem cheiro algum.
Aplicação facil e rapida.

Deposito unico: **Rua Buenos Ayres, 35**
GIL DIAS ASSUMPÇÃO.

ILLUSTRAÇÃO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zinocographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—Lisboa

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 4 DE SETEMBRO DE 1905

NUMERO 96



CONGRESSO DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS EM CINTRA—Os representantes da Federação dos Bombeiros Portuguezes

Srs: Thomaz d'Aguiar Pereira, 2.º commandante dos bombeiros de Portalegre—Julio Alexandre da Silva, presidente da Federação dos Bombeiros Portuguezes—Manuel José de Moraes Serrão, commandante dos voluntarios de Salvapça Publica de Villa Real de Trás-os-Montes—Manuel Pereira, secretario da Federação, commandante dos voluntarios d'Algarve—Alvaro Coelho Sampaio, 1.º commandante dos bombeiros voluntarios de Portalegre—Joaquim d'Oliveira Cunha, commandante honorario dos bombeiros voluntarios de Cintra—Alexandre Martins da Cunha Sampaio, 2.º commandante dos bombeiros voluntarios de Felgueiras.

CHRONICA

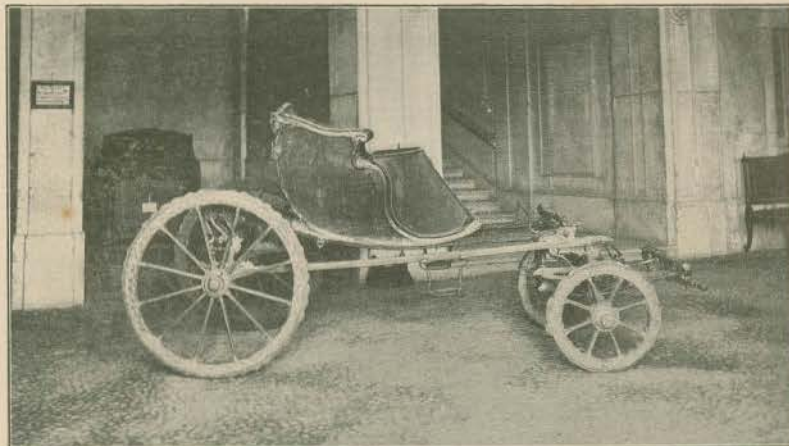
A gargalhada

Quando outro dia na camara o sr. José Luciano declarou que o contracto dos tabacos fôra presente ao conselho de ministros e fez esta affirmação solenne e gravemente a ponto de jurar sobre a sua honra, de todos os lados, das bancadas, das galerias, dos corredores vieram gargalhadas.

Como se se tivesse espalhado uma porção de gaz hilariante ou como se mãos invisíveis cocegassem os pares e o publico, as risadas soaram altas, fran-

que ferem, o que empregaram Gil Vicente e Voltaire; ha o riso sardonico, o riso insultante e ameaçador que usaram aquelles que comeram o rainun-culo da Sardienha e que se usa n'um extremo de desafiadora troça; ha o riso bonacheiro que é o da gente simples, ha o riso de cão, o *espasmo cynico* que é a fronteira da risada.

Mas superior a todos esses risos que são marcos na historia da humanidade ha a gargalhada aberta, forte, eccoante e que sae espontanea, que obriga a arregaçar a queixada e a pôr as mãos na barriga, a gargalhada que nos faz rebolar, aquella que exprime o ultra-comico e que deve ter nascido com o primeiro claro de raciocinio no cerebro do



MUSEU DOS COCHES REAES NO PICADEIRO DO PAÇO DE BELEM.—Carrinho que servia para passeios nas quintas reaes

cas, claras como nos circos quando o palhaço se sae com alguma cousa imprevistamente comica.

A gargalhada é uma manifestação definidora do homem. Só o homem ri. O choro ainda é imitado por alguns animaes inferiores, o riso não. Rir é ser humano, mas nem toda a gente sabe ri.

Desde o vago entreabrir da commissura dos labios que se denomina sorriso até ao escancarar completo da bocca, o que os francezes chamam *rire*

homem quando viu o macaco a imitar-lhe os gestos, a gargalhada natural que não tem evolução desde o seu começo como as outras formas de ri, aquella que se usa nas praças de touros em dias de boleos, nos circos, mas apuradas a personagem trunhesca, inoffensiva, que não se toma a peito.

Essa gargalhada consagra um palhaço, mas derruba um politico, essa gargalhada ouviu-a mil vezes o Faz Tudo e uma o sr. José Luciano.

A palavra de honra é, ao contrario da risada, uma cousa seria, grave, é como o mais fôrmal dos juramentos, o mais sagrado penhor d'um homem, mes-



MUSEU DOS COCHES REAES NO PICADEIRO DO PAÇO DE BELEM.—A sella da montada de D. Pedro IV

mo do mais pobre. Os romanos juravam-na com a pompa d'uma religião; atravez dos seculos significou sempre seriedade. Duvidar d'uma palavra de honra é um insulto, hesitar em recebê-la é uma offensa. A honra é mais do que um attributo, é um culto e como tal se cimentou e se monumentalizou com sangue, com heroismos, com sacrificios. Por ella foi Egas Moniz de barão ao pescoço entregar-se ao rei de Castella e foi Vasco Martins perecer n'um mattagal de lanças. A palavra de honra é como a palavra de rei: não volta atrás, no dizer singelo de outros tempos de melhores costumes e mais simples leituras; a palavra de honra é mais do que um dogma, é para alguns homens o seu unico bem; é a suprema consciencia a exteriorisar-se n'uma garantia. Um homem quando outro duvida da sua palavra de honra bate-se, quando muitos duvidam retira-se da sociedade, porque ninguém lhe estenderá a mão dentro em pouco; quando uma assembléa lhe atira á cara gargalhadas ao falar da sua honra, esse homem mata-se, principalmente se essa assembléa representa um paiz a ri perdidamente.

Com essas risadas que jámais esquecem deve-se ouvir o sibillar d'uma bala e isto para não haver d'ahi avante o direito de se soltarem gargalhadas na nossa frente, á nossa menor palavra. o que, principalmente quando se fala em publico, é de toda a gente acabar como a Maria Riita, que, como sabem, morreu a ri!

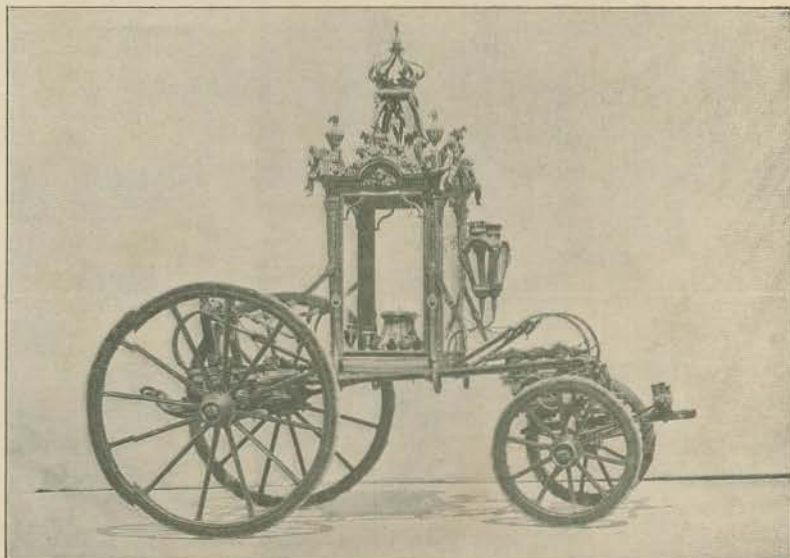
ROCHA MARTINS.



MUSEU DOS COCHES REAES NO PICADEIRO DO PAÇO DE BELEM.—A sella da montada de D. Miguel

à *pleine gorge*, ha um mundo com as milhares de manifestações que os mundos tem.

Entre esses risos ficam outros que são outros tantos estadios de caracter e de espirito. Ha o riso delicado, cortez, o riso que é mais um comprazer do que uma necessidade; é o que se emprega na sociedade, o riso discreto, o riso mundano; ha o riso ironico, o riso que accentua ditos de espirito



MUSEU DOS COCHES REAES NO PICADEIRO DO PAÇO DE BELEM.—A terrinça da Senhora do Cabo



O alfes sr. Feizoto no cavalleto «Charuto» — «ouro hespanhol» — O alfes sr. Cruz no cavalleto «Vencedor em passag» — Os alfes sr. Campos e Feizoto saltando á altura de 1.^o e 2.^o no cavalleto «Paris» e «3-Rosa» — O primeiro de raça portugueza e o segundo de raça hespanhola. Estes cavalleiros concorreram ao campeonato do cavalleto de guerra em agosto de 1904, tendo o «Paris» e o ferro Carlos Marques — O aspirante sr. Constancia numa secca sobre o cavalleto «Serrano» — O tenente sr. Monsinho d'Albuquerque no seu cavalleto «Guerrillero» em «passag» — O aspirante sr. Azambuja saltando 1.^o e 2.^o no cavalleto «Guerrillero» que tem a o ferro Gomes Hesende — O alfes sr. Marizins saltando a triplice barra no cavalleto «Asar» que concorrer ao campeonato militar em 1905 — Uma descida «difficil» (5.^o) feita pelo aspirante sr. Jara de Carvalho no cavalleto «Reia» de raça hespanhola — O aspirante sr. Azambuja saltando uma secca no cavalleto «Guerrillero» — O aspirante sr. Jara de Carvalho saltando um muro de 1.^o e 2.^o no cavalleto «Elegante» — O aspirante sr. Constancia saltando uma secca no cavalleto «Serrano».

Os exercicios que se realisaram no mez de agosto findo na Escola Pratica de Cavallaria em Torres Novas com a assistencia de S. M. el-rei



O CONGRESSO-CONCURSO DE BOMBEIROS EM CINTRA

Um grupo de assistentes—Escada de Malinas—A chegada de S. M. a rainha—O jury—Montagem da bomba sobre a carrota—Grupo dos bombeiros federados—Exercício de jágulhetas—O esqueleto para o exercício—S. M. a rainha assistindo ao exercício—Exercícios com mangueiras de salvação

O acto inaugural do congresso effalleou-se na sala das sessões da camara municipal que se encontrava artisticamente ornamentada; presidiu o sr. João Silva, presidente da Fidejussão, secretariado pelo sr. Manuel Pereira da Luz, e iniciou-se a 1 hora da tarde, em presença d'uma selecta e numerosa assistência. O sr. presidente leu um

bem urdido discurso allusivo á cerimonia, findo o qual foi encerrada a sessão solenne. Lócca das 2 horas da tarde foi offerecido aos congressistas e á imprensa, na sede da Real Corporação dos Voluntários de Cintra, que se achava profusamente adornada, um magnifico copo d'agua.

A's cinco horas da tarde, com a sympathia assistencial de S. M. a rainha, senhora D. Amélia e seus augustos filhos, começaram no Campo de Salgueiros as manobras do concurso, guilando o primeiro premio os bombeiros voluntarios de Portalegre, onde a população exultou de contentamento pela victoria alcançada pelos heróicos bombeiros.



ASPECTOS DA FESTA DO SENHOR DA SERRA EM BELLAS

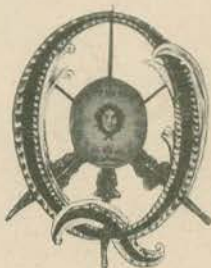
Uma ranchada—A caminho do mercado das frutas na quinta de Bellas—A' esntrada da quinta—Saíndo da capella—Junto ao obelisco na quinta
—Na escadaria do santuario—Merendando

A quinta do Senhor da Serra pertence actualmente ao ar. Borges d'Almeida e é acceito. No dia 17 e 18 de agosto, em que se realis a romaria áquelle largo espaço murado cheio de arvoredos verdejantes com as suas muralhas com as suas torres, enche-se de gente que vem de Lisboa e dos povoados vizinhos de Bellas, que se estendem

de nas sombras comendo as frutas e bebendo do vinho que se vende no arrabal instalado ao largo da villa. A arribta do Senhor da Serra ha a'um sitio e para lá se recommendam as suas refecções todos os rúmdres e mouteiros, registramos, medallas e rúmdres com que se enfeitam. A' villa da romaria, pela estrada cheia de poeira, se

carroças cobertas, os trens e os pões formam um conjunto alegre sob o sol da tarde. Os combolos vão atalhados de passageiros, galgam as lhas, estradantes de rudes e de festivos, cheios de risos e de canções d'evocação que se divertiram um dia inteiro em homenagem ao Senhor que na sua capella recebe milhares de oferendas

O musen dos coches reaes no picadeiro do Paço de Belem



Laças de torneio e escudo com a cabeça de Minerva

UANDO se sobe a escadaria larga e se chega a galeria tem-se um deslumbramento, porque a luz, entrando pelas vidraças largas, faz refletir o ouro que opulencia esses coches enfileirados no centro do velho picadeiro todo de galas equestres e de tradições Avintes e Marialvas.

Ficasse ali um bocadinho a olhar as equipagens, os coches que são a afirmação de uma colossal riqueza d'um épico passado. Alguns são pezádos, enormes, todos almo-

fadados de velludos e sedas, conças de soberano fausto feitas para as pompas realengas.

D. Manuel n'uma época em que o ouro da Índia fazia transmurar a face da corte enviava ao papa embaixadores com taes riquezas que deslumbravam e os elephantes trazidos de Goa, de Damão, e de Cochim passaram axatrelados de ouro com os seus marfins engalanados nas ruas da cidade eterna aos brados d'uma multidão prosternada; D. João V com os restos d'essas opulencias e com os quintos que atafalhavam as naus fez tambem luzir por essas ruas da Roma papal e sacra os coches de gala que ficaram como a mais bella prova do nosso esplendor.

Em prodigalidade ninguém ganhava ao rei que mandou despejar no Tibre nus saccos de dobrões pelo seu embaixador, a fim de apagar a mancha sovina de Luza-

plemento das grandezas que se accumulam no musen, vamos analysar detidamente esses coches que definem épocas.

As berlindas ligeiras como a da Senhora do Cabo, toda gracil, são entre esses coches famosos como um lindo insecto d'ouro no meio de phantasticos colossos tambem de ouro e purpura. Os carros triumphaes com as suas figuras allegoricas em talha rica, bem modeladas, recordam a pomposa embaixada de Rodrigo de Menezes ao papa Clemente XI; o coche deixado em Lisboa por Philippe II, sombria viatura, relembra o passado d'opressão, a viagem do usurpador atravez as Hespanhas com o filho ao lado, atravessando para as terras d'este país que não tinha fronteiras e que se enxertava na Hespanha como se a barreira do patriotismo que sempre se oppuzera á ganancia dos vizinhos tivesse sido



Cadetrinha que pertenceu á montada do principe D. Carlos actualmente rei



Moço de estribeira

ro Leão que representando o rei junto ao Vaticano negou umas peças d'ouro a certa romana com pouco de matronico. Mas essa prodigalidade foi um bem porque a par das mal empregadas quantias o rei deixou nos essas ricas joias que se mostram no throno da Sé Patriarchal e esses coches que, mercê da iniciativa de S. M. a rainha, se expõem no vasto picadeiro do real paço de Belem.

Ao descermos da galeria depois de passarmos em revista os armarios onde os espadins, os chicotes, os arreios, os cocares, as pertencas de galas, marcam o com-



Sota de carruagem de gala

derrubada com a morte de D. Sebastião, com a tibiaza do cardeal rei, com a falta de auxilio que se devia a esse sympathico prior do Crato que poderia ter sido um mostro d'Aviz n'esse periodo de cobardia, se os animos andassem mais afeitos a repellar de montante em punho as offensas do que a lustrar galas nos salões do padro rei decropto e antipathico.

Depois apparecem tambem as berlindas dos dias d'ê felicidade para D. Pedro II, quando ao lado de Maria de Saboya ia legalisar no templo o que de ha muito estava feito no seu coracão ferido e tão cioso que nem se lembrou ser de seu irmão a mulher que amava e que perdeu o outro, o epileptico que lá no carcere de Cintra



Muar arrejada para coche de gala



Cavalle arrejada para carruagem de gala



O chefe dos cocheiros sr. José Maria Baptista que foi sota no tempo de D. Maria II



Charamelleiro



Cocheiro de coche em traje de gala



Pagem de torneio

havia de amaldiçoar a hora em que nascera para o throno. Vêem-se também os coches mais ricos de D. Anna Victoria para ir levá-la á igreja com D. José I, coche em que Pombal talvez apparecesse algumas vezes aos olhos do povoão extático, ha o coche grandioso de D. Maria Benedicta, irmã de D. Maria I, o que serviu no seu consorcio com o intelligente principe D. José. Apparecem ainda os coches de Carlota Joaquina e a par d'es-

tes outros, muitos mais, que são outras tantas recordações da historia que evocam sob os seus tectos tecidos em sedas lindas, sobre os seus assentos de velludo, através das suas vidraças de crystal as figuras sombrias ou calmas, sympathicas ou repulsivas, mas sempre soberanas d'aquellas que assim e em toda a pompa d'uma oriental magnificencia se mostravam de farbas ajoeilhadas.

Assim atravessando o musen opde nos acompanha com a maior gentileza o sr-tenente coronel Alfredo José d'Albuquerque os nossos olhos pousam nos objectos e com esse olhar vem a recordação dos factos como se tudo aquillo fosse bem o complemento d'uma historia de ha muito sentida e de que aquelles objectos falam com a eloquencia das coisas que assistiram aos factos que se evocam.



O Estaférmo de antigo pica-dentro



Trintanario para coche de gala



Moço de estribeira



A FESTA DO SENHOR DA SERRA EM BELLAS—Os Romeiros

A quinta onde se realisa esta festa traz ligada uma grande serie de recordações historicas. Pertencem a propriedade em 1318 a Gonçalo Annes Correia, que por sua morte a legou ás commendeiras de Santos, que a trocaram em 1334 por outra quinta que possuia Lo-

pes Fernandes Pacheco, pai de Diogo Lopes Pacheco, um dos assassinos de D. Inez de Castro. Em 1501 andava a quinta na posse de D. Rodrigo d'Athouguia, ficando para os senhores de Pombal que receberam em 1801 o titulo de marquezes de Bellas. No principio

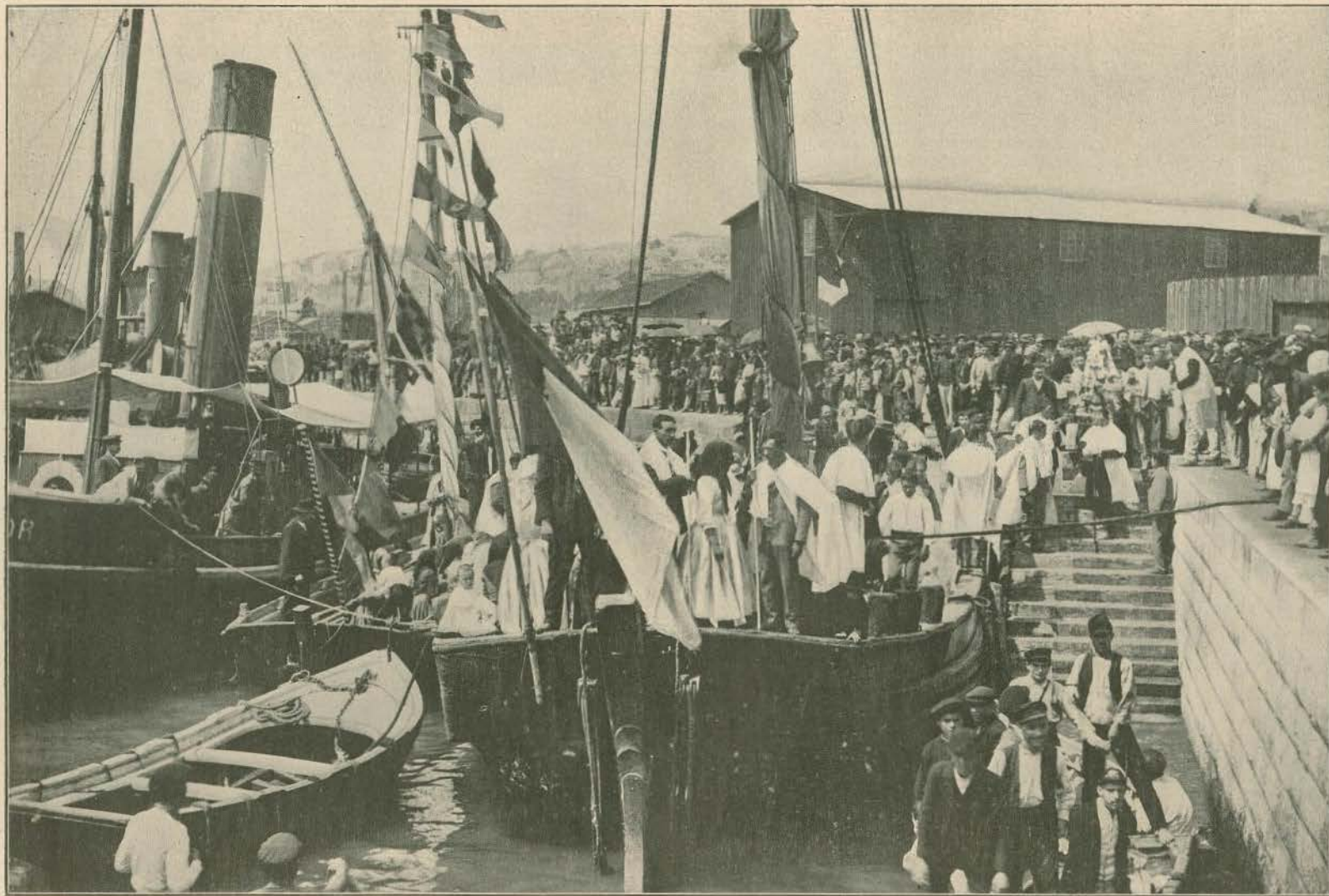
do seculo XVIII plantaram-se ali muitas arvores e ficaram-se grandes obras e entre ellas uma cascata hoje arruinada e onde está uma estatua de Neptuno, que veio de Italia e foi feita pelo escultor napolitano Bellini.

A meio da quinta existe um obelisco ornado com as figuras da Fama e os bustos de Carlota Joaquina e D. João VI que commemora a data em que o principe regente agradeceu os donos da quinta com o titulo de marquezes de Bellas. Esta escultura foi feita pelo artista por-

tuguez Joaquim José de Barros. Na quinta ha dois penhascos que, segundo a tradição, eram uma atalaya de monjos, dizendo alguns archeologos que elles tinham monumento celtico. Diz tambem João de Barros na sua *Descripção de Minho* que vira na quinta a de Bellas a se-

gultura de Viriato tendo dentro uma espada e sobre a pedra o seguinte epitaphio: *Hic jacet Viriatus Lusitanorum Rex*.

Em 1860 a quinta foi vendida para partilhas, pertencendo hoje ao sr. Borges de Almeida.



AS FESTAS DA SENHORA DA ATALAYA—O embarque d'um cirio no caes da Boa Vista

Os cirios são d'uma grande antiguidade entre nós e representam o sentimento d'um povo por certo homem que é o Lázaro da Virtude. E os seus costumes são d'uma grande antiguidade. A Senhora d'Atalaya

leva entre os devotos mais fidedignos do reino, gente que nos nobres (talvez) a sua "sacredade" atribuída ao genial galego da ilha. São em fado o maior castigo com os seus nobres de casa de Lázaro, com os seus frades, os plebeus, os pobres, os leigos e negros,

que levavam as ofertas para a santa e relem da senhora que na sua embarcação se abadece entre as nuvens e o céu de dor e gloria. Com os lavores e cultos perdidos. A natureza consagra. Com o povo. Fazendo a festa que, com o decorrer do tempo, se tem tornado

n'um pretexto para se promoverem uns dias de celebração das grandes erpores, circundando a lenda e para se dançar n'um arrai-e em frente da igreja onde a festa se realiza. A de Senhora d'Atalaya é a qual falta pela colônia ovarina que a ella conhece em grande numero.



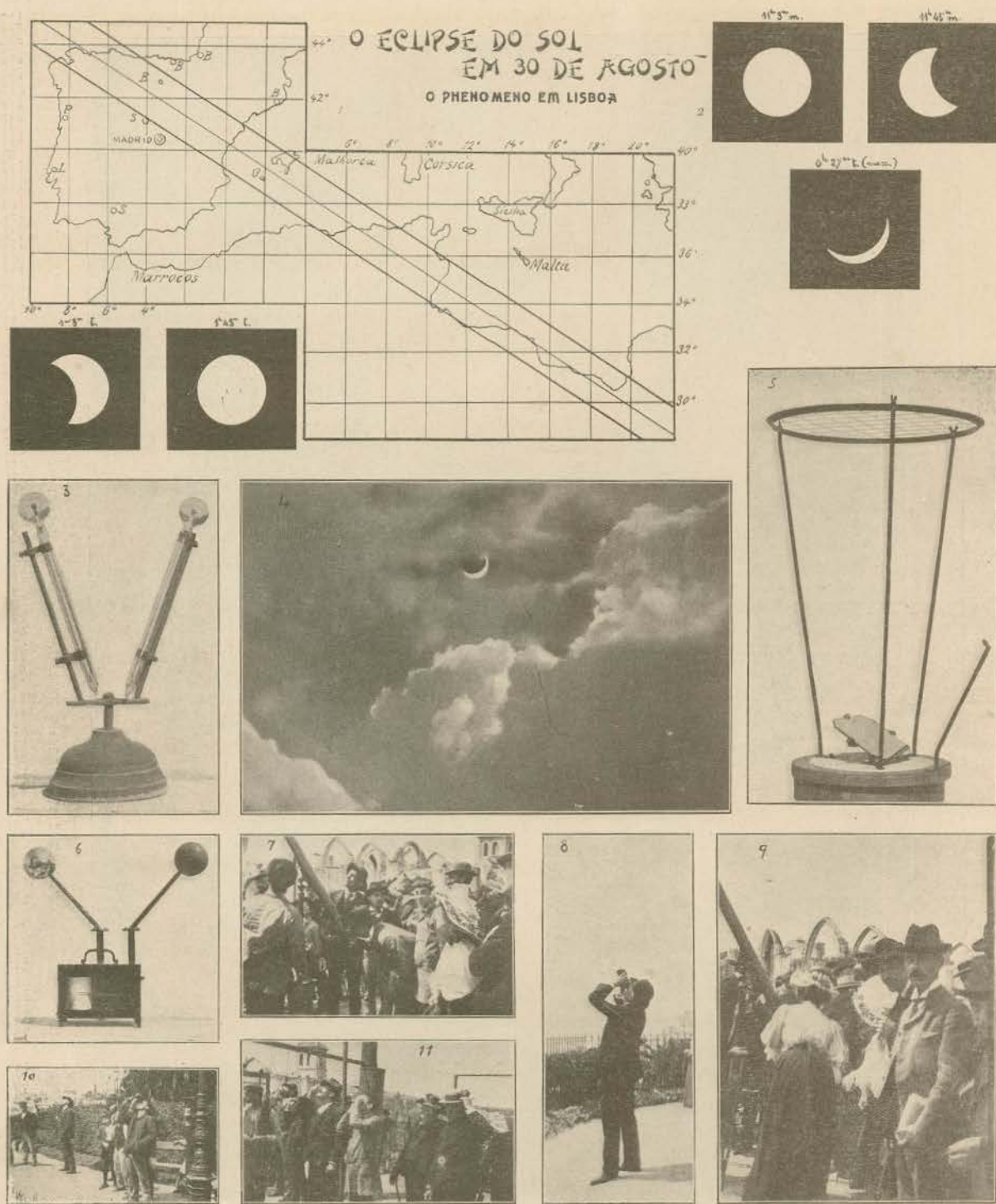
ARREDORES DE LISBOA: O ESTORIL—O casino do Estoril

Desde alguns annos que o Estoril se tem desenvolvido a ponto de ser hoje a mais linda praia vizinha de Lisboa. Gostou-se aqui sempre a uma distancia de pescadores mal cobertos em frente d'uma facha azul e ampla e Estoril, n'essa aridez do puz-gem que se aviz-

ta durante algumas minutos de combato desde Lisboa, surge como uma noção de civilização, com um combo de mar e puz-gem que a n'ão dá a de verdade de regate por entre as suas encostas, as colinas que de longe, na sua brevidade e na sua pequenez, parecem feitas de cartas,

e prosperando o bem estar d'uma bella povoação de prazeres extensos tão agradável n'esse tempo de férias de Páscoa e de verão. E dos prazeres de Portugal aquelle que chama mais a attenção a todo o mundo, sendo as principais famílias da sociedade elegante, da aristocracia,

da alta finança, mandada construir essa magnifica chaqueta que tanto a si contém a vida, assim agitada e audaz, de salta e verdura, quanto pelas pitinhelas das carroças evidentes junto à linha Ferra a moderna, mas delictosa povoação do Estoril.



O eclipse, que foi total em Búrgas, atraiu ali grande numero de curiosos e astrónomos de toda a Europa e alguns americanos. Em Lisboa o phenomeno foi pouco visivel. No entanto muita gente conseguiu ver os pontos mais elevados da cidade e quando o céu atraves uma fumaça fina sob a qual se fez a hora da manhã. O primeiro contacto dos discos lunares e solares deu-se ás 11 e 5 minutos e terminou pela 1 hora e 45 minutos da tarde. No observatorio de Tapada o illustre astrónomo sr. Campos Rodrigues tirou algumas photographias, algumas das quaes publicaremos no proximo numero da Illustração. No observatorio meteorologico e magnetico Infante D. Luiz, na Escola Polytechnica, installaram-se ali os instrumentos para as observações diretas e outras que registaram continuamente os elementos e não se puderam fazer as observações das camadas superiores da atmosfera em virtude de se encontrar em re-

servação na Alfama o sr. Pinheiro cujo tambor se portou sob a forte pressão do vento na ultima reunião internacional. O equipamento destinado a estas observações foi adquirido pelo sr. Director do observatorio, sr. Pina Vida, por intermedio do professor Herxell. Durante o eclipse a temperatura baixou 0,4, registando-se a minima 19,1 ás 6,40. O barometro satelitario.

durante o eclipse a temperatura baixou 0,4, registando-se a minima 19,1 ás 6,40. O barometro satelitario.



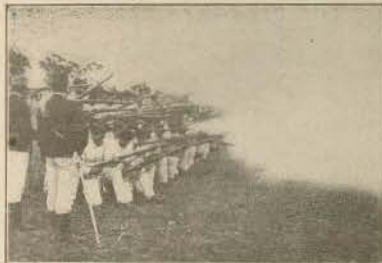
O príncipe de Hessen



O passeio a Cintra dos aspirantes da corveta alemã «Charlotte»

S. A. R. e príncipe de Hessen, oficial alemão, à volta da Pena com os aspirantes—Grupo dos aspirantes da marinha alemã—No regresso

(Photographias gentilmente enviadas à «Illustração Portuguesa» pelo sr. Otto Dannhardt)



O FIM DOS 28 DIAS DE INSTRUÇÃO MILITAR ANNUAL A'S PRAÇAS DA SEGUNDA RESERVA—A revista no hippodromo

Fogo em massa por columnas de companhias—O sr. general Craveiro Lopes assistindo aos exercícios—Manejo de arma—Recrutás em marcha—Fogo por companhias

Terminaram os exercícios das praças da segunda reserva com a revista final no hippodromo de Lisboa, realizada em 23 de agosto a qual foi passada pelo sr. general Craveiro Lopes. As praças pertencentes aos regimentos de infantaria n.ºs 4, 5 e 10. Assumiu o commando dos

distritos de reserva o sr. coronel Olegário de Medeiros, que fez marchar as forças em continência e em frente do sr. general da divisão. Depois fizeram-se exercícios de fogo e algumas evoluções passando de novo em continência ao sr. general, retirando-se a seguir para os

respectiveiros quartéis, e terminando as praças os seus 28 dias de exercício a que são obrigados todos os soldados da segunda reserva no mês de agosto.

A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

Por FÉLIX-BRUGIERE e LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES

Como se lamentasse ter feito paragem na crista dos montes, e talvez de haver praticado uma imprudência, autopsiando Von Korsteen a cural o das suas enfermidades, o chinês não cessou de trotar pesadamente da frente à retaguarda do comboio, estimulando os retardatários, batendo nos animais e nas pessoas, que não caminhavam tão depressa como elle desejava. Logo que o estado do caminho o permitia, sobretudo nas descidas, a marcha precipitava-se ainda, apesar da fadiga.

E só nas passagens mais díficeis era concedido, como a custo, fazer paragem de alguns minutos.

A lua illuminava muito bem a estrada para o comboio avançar, e a marcha foi só suspensa para descanso dos animais e das pessoas com intervallos quasi regulares.

Depois de uma noite terrível, durante a qual o sofrimento moral e physico dos europeus attingiu a seu paroxysmo, o comboio deteve-se nos primeiros alvaros do dia n'uma dobra de terreno, no meio de um acampa-

mento meio adormecido. Só alguns cavalleiros a velavam junto de uma fogueira. O chinês mandou chamar o chefe, que deu mostras de extrema deferencia áquelle a quem lhe falava. Distribuiu-se leite aos prisioneiros e aos homens da escolta, e o chinês mandou vir grandes panelas de agua limpa, ordenando que lavassem o rosto e corpo. Foi um alivio para os europeus e durante alguns minutos o acampamento transformou-se n'uma sala de banho. Vinha rompendo o sol, e temperava-se já a frescura da noite.

Nas alturas proximas appareciam a circulavam soldadinhos de infantaria e cavalleiros. Chegava aos ouvidos dos europeus um ruido confuso, que parecia annunciar a proximidade de um acampamento mais importante.

—Fazem-nos a toilette dos condemnados, disse Herman. Devemos estar proximos a acabar.

—Condemnados! ainda não, replicou o doutor. Não nos toriam conduzido com tanto cuidado até aqui para um desenlace tão vulgar; esperemos antes alguma grande surpresa.

Ouviram-se tocar os clarins. O mandarin reuniu a sua gente, e partiu.

Subiu-se a uma elevação muito ingreme, e de repente, na cunheta, os prisioneiros viram a planície immensa desdobrar-se a seus pés. Fulgia um lago nos raios do sol nascente, e em volta d'esse lago, e quasi até ao limite do horizonte, a planície estava cheia de animação. Povrava-se um acampamento prodigioso, uma cidade guerrolra surgida em pleno deserto.

—O lago *Hagrad-Kal*, disse Mérande. E aquella ilhota branca, que se avista á nossa direita, é, sem duvida, *Kavachar*.

Porém, lá ao longe, ao comprido da planície, extendia-se uma fita de fumo, através das barracas e dos acouros. Vinha do Leste. Os europeus contemplavam-na hypnotizados.

—Fumo a andar! mas, disse Van Korsteen, é um comboio!

E, como para abonar o seu dito, um silvo de apito distante atravessava o espaço.

VIII

O EXERCITO AMARELLO

Quando o official chinês encarregado da guarda dos prisioneiros veio, dois dias depois da sua chegada ao acampamento, annunciar-lhes que o Senhor ia mandal-os á sua presença, havia já longo tempo que estavam acordados e de pé, tendo sido advertidos que se aproximava algum novo acontecimento, por terem redobrado os ruidos e rumores, que allá não haviam cessado de se ouvir confusamente em torno da sua barraca durante essas vinte e quatro horas de demora.

Nenhum d'elles trahia a ansiedade que enchia o seu coração.

Depois das duras fadigas dos vinte dias de marchas insauditas que tinham feito em tão imprevistas e tragicas circumstancias, depois das cruéis provocações d'esse primeiro periodo do seu captivo, o repouso que lhes fora concedido tinha reanimado a sua valentia, restituindo-lhes parte da força physica.

Mas, a despeito da sua energia moral, o ineognito e mysterioso da que estavam envolvidos, a apprehensão de um porvir talvez atroz, a impossibilidade de escaparem d'ora avante ao seu destino, o desespero da sua impotencia de prevenir a Europa do perigo imminente que a ameaçava, perturbavam-lhes profundamente o espirito e empallidavam-lhes o semblante.

Nadia, sobretudo, cedia á fraqueza do seu sexo, ao encravesamento resultante das grandissimas fadigas, que tivera de supportar, e precisava valer-se do amor proprio para manter uma compostura altiva e firme como a dos seus amigos.

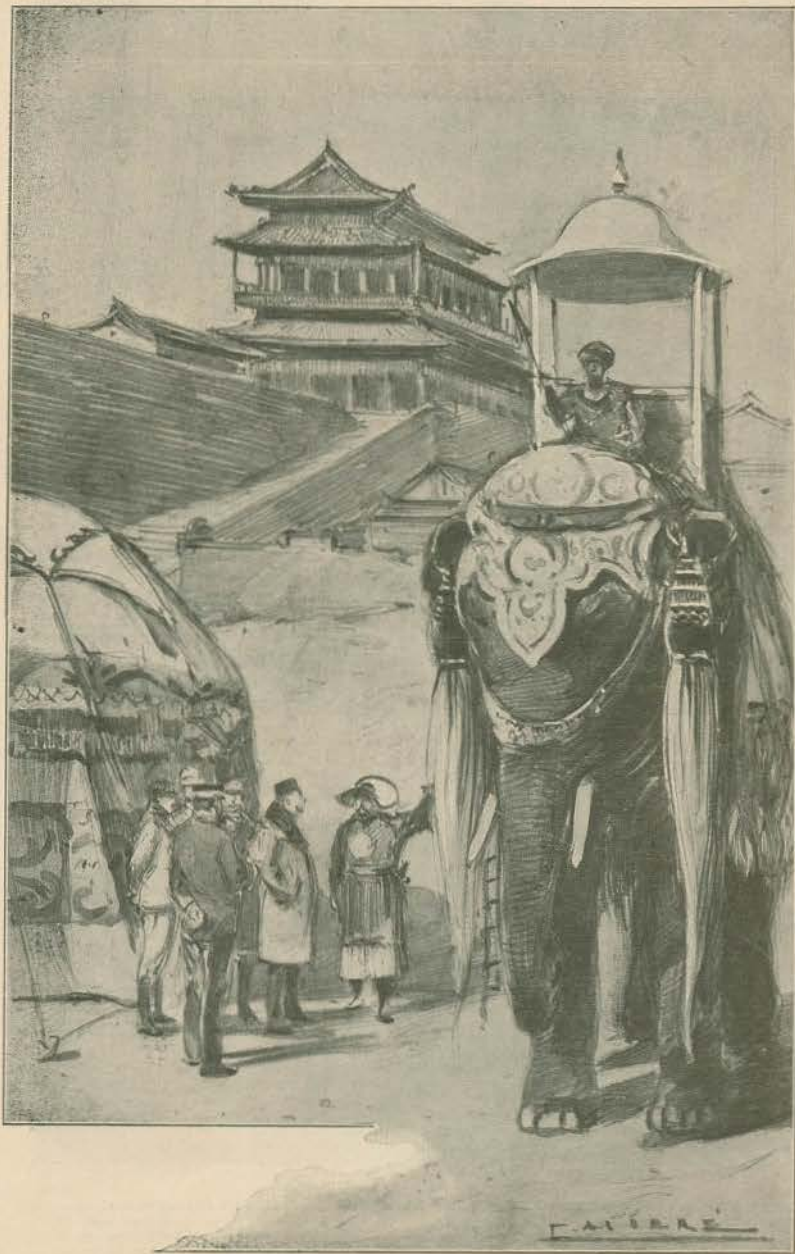
Botticini, que nunca a perdia de vista, observava esse estado de fraqueza, e recorria a mil cuidados delicados para a reconfortar.

Gracias a elle e ao doutor, Nadia tinha podido dormir n'essas duas noites sobre as pelles de carneiro e de yakos do Tibheto, amontoadas na barraca, e repousar um pouco sem os guardas terem podido adivinhar o seu sexo.

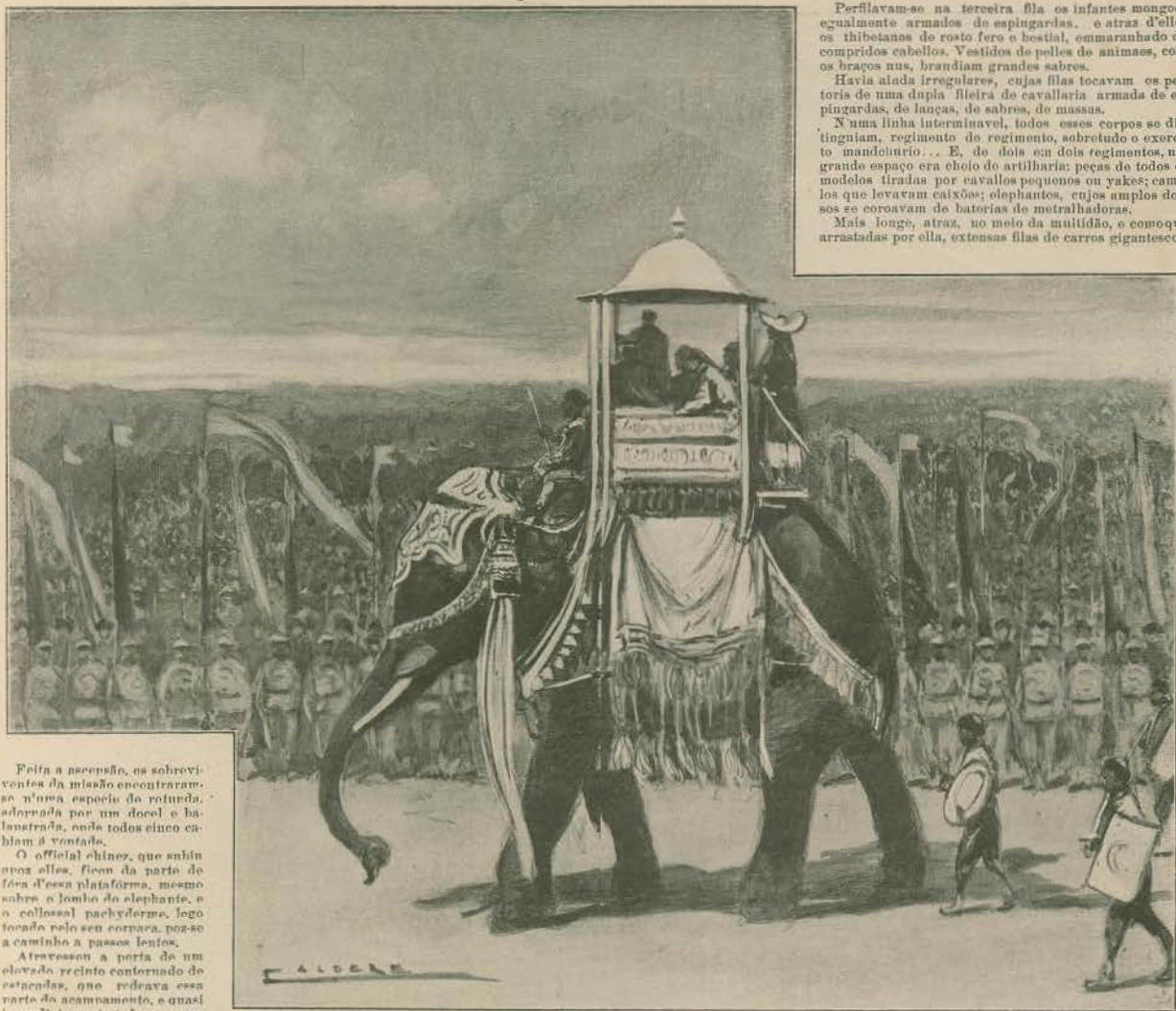
Ao sahirem da barraca, onde haviam estado rigorosamente encerrados durante esses dois dias, os europeus só viram primeiro um enorme elephante sobrepujado por um palanquim. Quilto como uma estatua, o animal nem sequer movia a tromba e as grandes orelhas, entre as quaes o seu corcova, encarpado sobre o alto da cabeça, mantinha uma immobillidade igual á d'elle. Dos flancos rugosos do animal, meio occultos por vermelhas roupões, pendia uma escada de corda.

—Subi, disse o chinês.

—Diabo! taria-me deu o doutor, que cocho de gala! E', pois, a uma festa que nos levam? Acaso nos levarão de passeio como o boi gordo?



—SUBI, DISSE O CHINEZ



Fôra a impressão, os sobre-ventos da missão encontraram-se n'uma espécie de rotunda, adossada por um doce e balustrada, onde todos cinco cabiam á vontade.

O official chinês, que então por ali, ficou da parte de fora d'essa plataforma, mesmo sobre o lombo do elephante, e o colossal pachydermo, logo torado pelo seu corpo, poz-se a caminho a passos lentos.

Atravessou a porta de um elevado recinto contornado de estacadas, que rodeava essa parte do acampamento, e quasi immediatamente todos os europeus experimentaram a um tempo a mesma impressão de respeito. Diante do elephante abria-se uma avenida formida, vel, estreita, sinuosa pela sua

longínqua perspectiva em fôrça do ponto de vista.

De cada lado d'essa avenida estendia-se uma barreira humana, cujas primeiras filas immoveis continham a mais compacta das turmas moveis. E essa multidão ondulava, sumia-se atravez das tendas, os abarrotados, os abertos de toda a casta, que cobriam a planície a perder de vista.

A fila compunha-se de soldados com armas, sobre os quaes fluviavam ao vento fresco de manhã milhares de bandeiras e estandartes.

Nada pôde dar idéa do deslumbramento d'esse espectáculo á claridade do sol nascente.

Por sobre esse exercito pairava como que um nevoeiro branco, nevado, todavia á medida que o elephante avançava, a claridade amarelava d'onde os europeus dominavam grande parte do acampamento, tudo se tornava distincto... e os seus olhos não podiam deixar de ver, uma irresistivel curiosidade os contrangia a olhar.

E depois, uma novidade, não mais insulso; já não ouvia, como em Ouroumsi, rugidos nem ameaças, mas somente um rumor surdo, o rumor das grandes multidões—mysterioso e imponente como o bramir do mar!

Todavia, eram as mesmas raças hostis; mas n'esse silencio parecia-se que uma vontade implacavel posava sobre esses muitos homens com um poder formidavel.

Em breve, contudo, Mérande e os seus companheiros reconquistaram o sangue frio, e, passado o primeiro abalo, entregaram-se a contemplar, depois de tentar analysar esse espectáculo inaudito.

Perfilavam-se na terceira fila os infantes mongoes igualmente armados de espingardas... e atraz d'elles os thibetanos de rosto fero e hostil, emmaranhado de compridos cabellos. Vestidos de pelles de animais, com os braços nus, brandiam grandes sabres.

Havia ainda irregulares, cujas filas tocavam os peitoris de uma dupla fileira de cavallaria armada de espingardas, de lanças, de sabres, de massas.

N'uma linha interminavel, todos esses corpos se distinguem, regimento de regimento, sobretudo o exercito mandchurico... E, do lado em dois regimentos, um grande espaço era cheio de artilharia; peças de todos os modelos tiradas por cavallos pequenos ou yakes; camelos que levavam caixões; elephantes, cujos amplos dorsos se coroavam de baterias de metralhadoras.

Mais longe, atraz, no meio da multidão, e como que arrastadas por ella, extensas filas de carros gigantescos,

OS EUROPEUS DOMINAVAM GRANDE PARTE DO ACAMPAMENTO

Toda o exercito amarelo parecia desdobrar-se deante d'elles, como se o devesssem ppassar em revista.

Mérande perscrutava com o olhar, como soldado, com attenção quasi comovida, esses soldados da Asia, tão variados, tão extravagantes, reunidos em tamanha quantidade, como por um sortilégio, n'esse imenso terreiro do Gobi.

Reconhecia os todos uns e apoz outros: chinezes do Norte e do Sul, ordos, khalkas, manyas, mongoes, mandchurios, montanhezes do Kan su negro ou do Altai, thibetanos e até hindus... mas sob que aspecto differente como organização e como disciplina!

Esse multiplo cordão regular, esse alinhamento de exercito, tinha a espessura das oito fileiras; e d'estas cada qual, por uma formatura a sem duvida proposada, pertencia a diferentes corpos.

Em primeiro lugar, adiante, estava o exercito mandchurico, o valho exercito de oito bandeiras, de bigodes compridos, de tez morena. Usava o traje do chinês tradicional com o dragão sobre o peito; porém, Mérande notava, além d'isso, que estava admiravelmente armado e equipado, organizado á europeia.

Na segunda fila viam-se rastos puramente chinezes: o rosto amarello pallido de Pekim, o amarello torrado do Fo-kien, os «limões maduros» da China meridional, os «açafreões» do Kan-su... e n'esta segunda fila fluviavam innumeros estandartes vovores e amarelllos com as insignias das sociedades secretoras.

As tropas do estandarte verde... as milicias chinezas... a propria China está á aqui!... Marchal... murmurou Mérande, cujos dedos se se crispavam nervosamente sobre a barra de apoio da balaustrada da rotunda.

engenhos de guerra enigmaticos, junto dos quaes se distinguem outros camelos, outros elephantes...

E até o horizonte, de todas as partes, nos quatro pontos cardeaes, barracas e mais barracas, e sempre essa multidão tão apressada que parecia perder-se nas dunas do Gobi!

Mérande e os seus companheiros permaneciam mudos. Debaixo do esses milhares de olhos que os fixavam, que os devoravam, em presença d'essa revista phantastica mantinham a sua impassibilidade exterior, contentando-se de olhar, com os braços cruzados.

Quanto a Nadia, encostada na borda da balaustrada, muito abatida, parecia enleada n'uma espécie de extase.

Só o dr. Van Kerssen, incapaz de dominar absolutamente as suas impressões, murmurava de vez em quando, com voz surda, algumas exclamações «trecoitadas»:

— Soberbo!... Faltam aqui repórteres e photographos!... Também faltam medicos sem duvida... Grandes homens estes mongoes!... Mas donde diabo vamos nós?

Durou cinco compridas horas esse prodigioso passeio, formando uma espécie de meio circulo.

— Temos andado bons vinte kilometros, disse Mérande no momento em que o elephante parou defronte de uma porta triumphal, topetada de bandeiras, e por detrás da qual se enxergavam barracas immensas.

«Vinte kilometros! Meus amigos, pensae e calculae o que represente esse numero de homens!



UMA EXCURSÃO NA SERRA DA ESTRELLA. A altitude de 1032 metros na Lagoa Comprida—No primeiro plano: sr. dr. Julio Lampreia—Segundo plano: srs. Eduardo Camello, dr. Simões Lucena, dr. Angelo d'Almeida Ribeiro e João Castello.



O tenente de artilharia Jayme Teixeira, Sapotucense.

—A vítima foi expulsa duma granada no caso de Vendas Novas quando assistia ao transporte do material de artilharia que devia vir para Queluz em 30 de agosto.



Sir Austen Chamberlain

Ministro da Fazenda de Inglaterra que esteve em Lisboa com sua irmã, Lady Chamberlain, desde 28 a 30 de agosto, tendo n'este dia seguido para Madrid.



A praça de touros do Espinho inaugurada em 27 de agosto de 1905 e que pode conter tres mil pessoas.—O interior da praça de touros do Espinho

CHRONICA ELEGANTE



Fig. 1

Por em quanto ainda é a pittoresca e decantada Cintra que detem as elegancias mundanas. A falta de distrações para nobres e plebeus faz-se sentir, mas os ultimos regressam-se com a visão e com os secos das festas.

O ultimo baile da corte foi um primor de bom gozto, de opulencia, de alegria e distincção. Ha ainda em projecto umatourada sensacional e talvez mais alguma surpresa antes que se levante o vôo para Cascaes e Estoril. Ali os casinos e clubs talvez offereçam melhor ensajo para exhibição de *toilettes* que apresentem qualquer novidade. Nas *toilettes* apuradas de dia as tunicas ou grandes casacas continuam a favorecer toda a sorte de phantasia.

Uma das mais modernas é a da seda recortada, isto é, arredada em caprichosos desenhos como os bom conhecidos bordados *Richelien*. Sobre um vestido de *mousseline* de seda, *linon* ou outro tecido leve,



Fig. 2

veste-se a casaca ou tunica em seda da mesma cor assim arredada e bordada de torçal igual ou branco. Deve realmente ser lindissima essa variante da seda arredada assim como a das tunicas em *gaspure* grossa de seda de côr, visto que agora se fazem rodas de todas as côres e até mesmo se executa a *gaspure ombree* de varios tons, que é de deslumbrante effeito, mórmente nos tons castanhos ou *mordorée*.

Outra novidade que no tontommo se desenvolverá em toda a plenitude são as *ruches* de tulio para o pescoço, que virão substituir as *boas*, as *estolas* e *d'charpes* de pennas e plumas já assaz vulgares.

A moderna *ruche* é muito volumosa, mas muito leve, vaporosa e *floue*. Não se aperta no pescoço; fica descaída á vontade e forma como um nimbo emmoldurando os hombros; executa-se em tulio branco, ou preto, ou com estas duas côres misturadas.

Dos chapéus nada se pôde futurar por ora; se continuam no movimento ascensional em que vão indo devemos esperar que atinjam as modas *à Benoitton* ou tr'ora tão ridicularizadas. Mas é de crêr que se concilie a phantasia com o conforto e que o chapéu de inverno seja no menca chegado á cabeça.

Fig. 1—*Toilette* de corridas em *mousseline perverche*. Tunica de seda arredada da mesma cor.

Fig. 2—Penteado moderno.

Fig. 3—*Toilette* de passeio em sarja branca com galbes de seda, *chemisette* em *linon* bordado, Chapéu de palha com fitas e pennas.



Fig. 3

BEBAM SO A AGUA DA SERRA DO TRIGO

Procurar em toda a parte.

Deposito geral: Rua Nova do Carvalho, 50, 1.º

BRAZIL—UNIAO DOS PROPRIETARIOS
COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES
18, Rua da Candelaria, 18 — Sobrado
Deposito no Tesouro Federal 200.000\$000

Autorizada a funcionar por carta-contrato, inscrita no Superintendência de Seguros Terrestres e Marítimos, de acordo com o decreto n.º 6.370, de 10 de dezembro de 1904.—Seguros terrestres, estabelecimento com orelha, moedas, officio e tudo mais quanto se relacionar com seguros terrestres, accionistas para administração, tanto por conta e ordem de terceiros, encarecendo-se limitadamente do reembolso de juros de apólices, dividendos de ações de bancos e companhias e de capital, novilme maliciosa comissão.

Directores—João José Luiz de Souza, Antonio Barreto da Costa, Antonio José Alexandrino de Castro, Constança de S. José, Compilado de Oliveira, Francisco Alves Soares Bastos, Daniel Pereira dos Santos, Antonio do Prata Gonçalves Guimarães, João da Rocha Romariz e João Jorge Lima Junior.

18, Rua da Candelaria, 18 — Sobrado—RIO DE JANEIRO

BILHARES
TABELLAS PNEUMATICAS
PRIETO

DUPLA ELASTICIDADE
 Rua de S. José, 171, 173

Monte-pio das Classes Commercial e Industrial

(ASSOCIAÇÃO DE SOCCORROS MUTUOS)

Séde—Rua d'Assumpção, 88, 1.º

REFORMA E INHABILIDADE

Pensões annuaes de 60\$000 a 300\$000 réis. Quotas mensaes de 200 a 600 réis. Jofas de 3\$000 a 13\$500 réis.

CAIXA ECONOMICA

Dinheiro á ordem até 1:000\$000 réis—3 por cento.
Superior a 1:000\$000 réis—2 por cento.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHOES

Ouro, prata, joias e fundos publicos—Juro annual de 6 a 12 por cento.

Capas em percalina vermelha

ILLUSTRADAS ARTISTICAMENTE

A OURO E CORES

Para a encadernação do terceiro volume da

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

A 700 RÉIS

Cada capa é acompanhada do respectivo índice, que abrange os números 12 e 13.

Os assinantes das terras em que não houver boa officina, podem obter a reencadernação de todas as folhas revisadas, pela quantia de 2\$500 réis, anexo d'ella.

Capa.....	700 réis
Encadernação....	300 réis
Porto.....	250 réis

Total... 1\$250 réis

Para mais deverão enviar os respectivos exemplares, para a **EMPRESA DO SEculo**, Lisboa, ao seu endereço, com a quantia referida em vale do correio ou carta explícita.
ILLUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA


DESENHO DA CAPA

Alfayateria RIGOR NA MODA

de J. Gomes de Carvalho

Colgada do Sacramento, 7,

sobre-loja, ao Chiado

Por baixo do remanente

de 60\$000, dr. Pr.ª Julia

Completo sortimento de lanifícios de

lã e algodão—Linhações de tudo para

homens—Linhação de fardas—Linhação

de roupas e preços convenientes.—LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.

LISBOA.